A consagração de Simões Dias

Revestiram-se de especial significado as comemorações do centenário do nascimento do egrégio português, que tanto ennobreceu o nosso concelho

Decorreu com uma elevação perfeitamente académica a comemoração do primeiro centenário do nascimento do nosso distintíssimo conterrâneo dr. José Simões Dias, efectuada nos Paços do Concelho de Arganil, com um carinho verdadeiramente enternecedor a da Benfeita, e com muita distinção a de Lisboa, efectuada no próprio liceu em que êle exerceu, com a maior proficiência, o ensino liceal.

Na sessão comemorativa que teve lugar na nossa Camara Municipal, a todos os títulos notável, pelo brilho literário e pela elevação dos conceitos que lhe emprestaram os seus conferentes nas orações notabilíssimas que proferiram, foram postos em relêvo os méritos invulgares do pedagogo consumado, do professor distinto e do didata que, com a publicação dos seus livros escolares, tanto contribuiu para o desenvolvimento e progresso do ensino secundário.

O sr. dr. Alberto Martins de Carvalho, nosso conterrâneo, distinto entre os mais distintos, conseguiu prender a atenção da douta assembleia, que o escutou em religioso silêncio, durante todo o tempo da sua notabilíssima oração. Trabalho de apreciação e de crítica ao professor de ensino secundário ilustre e distinto que também o foi o poeta homenageado, à sua orientação pedagógica e aos livros que sôbre o ensino secundário êle publicou.

A este notável orador, seguiu-se o distinto poeta que é o sr. dr. António de Sousa. E, se o sr. dr. Martins de Carvalho foi eloqüentíssimo na apreciação do dr. José Simões Dias como professor e didata do ensino secundário, o sr. dr. António de Sousa foi-o igualmente na apreciação do poeta que tanto se evidenciou e distinguiu pelo seu estro. Estro poético, tão notável e espontâneo, que conseguiu calar fundo na alma do nosso povo que tão bem o sente e canta por tôda a parte do nosso país. A sua oração foi, pois, de uma singular beleza espiritual, porque apreciou o homenageado no que êle tem de mais nobre e de mais elevado, no seu sentimento de autentico joalheiro das letras — a poesia. E o dr. José Simões Dias foi, de facto, um poeta de invulgar mérito.

Falou, depois, Mário Simões Dias, neto do homenageado. A sua apreciação à obra literária do seu avô, foi notabilíssima e profunda. E esteve perfeitamente à altura dos oradores que o precederam. E a gente não sabe que mais admirar nesta criatura a quem a sorte não sorriu: se a vastidão dos seus conhecimentos, se o sentimento, a delicadeza, a distinção e a modéstia de que se faz revestir êste espírito de eleição.

A's comemorações efectuadas na sede do concelho, seguiram-se as da Benfeita, que é, como se sabe, a terra natal do dr. José Simões Dias. E, se aquelas decorreram com a elevação extraordinária a que acabamos de fazer referência, na Benfeita se continuaram acrescidas de uma ternura difícil de exceder, bem podendo por isso afirmar-se que elas fecharam com chave de ouro.

Honra e glória ao nosso distintíssimo homenageado! E honra e glória ao nosso concelho, que tanto se nobilitou prestando esta homenagem a um dos seus filhos mais dilectos e distintos. Honra da nossa terra e glória do nosso país!

As comemorações do centenário do nascimento de Simões Dias, além de significarem a valia do poeta, do prosador, do pedagogista, constituiram um acto de civismo, um acto de boa educação social, expresso sempre que se homenageia um valor local ou nacional.

E Arganil timbrou em dar significado distinto à consagração do seu filho ilustríssimo, pela elevação com que decorreu a sessão solene do salão nobre dos Paços do Concelho.

Casa repleta, a emprestarem beleza à assembleia, interêsse em todos, em todos ansiedade por ouvirem as palavras doutas e justas que esperavam.

Pelas 16 horas é aberta a sessão, que s. ex.ª o sr. Governador Civil, dr. Castro Soares, preside, fazendo-se ladear pelos srs. presidente do Município, dr. António Luiz Gonçalves, e Mário Simões Dias, neto do homenageado.

As primeiras palavras são do sr.

Presidente da Câmara

que, depois de apresentar os cumprimentos agradecidos ao sr. Governador Civil pela honra da sua visita e pelo lustre que a sua presença emprestava àquela sessão, diz dos imperativos que levaram o concelho a prestar a homenagem ao dr. José Simões Dias, filho sempre admirado da terra que a ambos viu nascer, homenagem que, embora circunscrita a deminutas celebrações, não deixará, sem dúvida, de estar à altura das intenções de todos, pelo mérito dos conferentes daquela sessão.

Um dêles — continua — é um outro filho do concelho, o dr. Alberto Martins de Carvalho, tipo perfeito de professor douto e do intelectual esclarecido e criterioso que, apesar da sua naturalíssima modéstia, é um valor a respeitar e merecida fama possue entre quem se dedica aos trabalhos de inteligência em Portugal. O outro é o dr. António de Sousa, um colega da advocacia, mas em quem a secura das leis não cortou, por felicidade, os vôos altos do seu talento e da sua sensibilidade. E' um poeta de nome feito, um poeta dos dias de hoje — duma poesia de novos rumos, que nos vai falar dum poeta romântico, dum poeta que viveu sob a influência doutros conceitos de rima, de inspiração e de beleza.

Ao curto e bem elaborado discurso do sr. dr. António Luiz Gonçalves, segue-se a oração do

Dr. Martins de Carvalho

que, recebido por uma vibrante salva de palmas, vai proferir o seu valioso estudo:

Contra o que poderia julgar-se, não me sinto muito à vontade para dizer sôbre Simões Dias, professor, a meia dúzia de anotações que o sr. presidente da Câmara solicitou de mim e que bem facilmente quereria ter escrito. E' que a minha situação profissional, em vez de servir apenas de auxiliar, avisa-me também quanto à dificuldade em avaliar um mestre só pelos trabalhos pedagógicos publicados ou pela boa fama que deixou; pior ainda se êsses trabalhos permitem vislumbrar uma pessoa com qualidades que nem sempre podemos mostrar expressas nêste ou naquele passo da sua obra. Mas como se não trata agora de expor a causa das minhas hesitações e porque nada tenho de forçar-me para exprimir a minha simpatia pela figura de Simões Dias, permitam vv. ex.as que eu me integre da maneira que me fôr possível no conjunto de admiradores que aqui formamos.

Pela sua vida e pela sua actuação, Simões Dias foi um homem do seu tempo, talvez mais representativo que original; mas até na maneira como aceitou e realizou os valores correntes nessa época se revela uma personalidade, isto é, um indivíduo de consciência e vontade autónomas. Não foi um criador de novidades, mas é inegável que mesmo reflectindo o alheio a intenção confessada foi a de falar com a sua própria voz. E' evidente que os diversos aspectos em que a actividade de Simões Dias se exterioriza nem são todos de igual interesse, nem contribuíram com a mesma intensidade para o conceito que nós hoje fazemos dêle; mas, embora pareça estranho, interpenetram-se tão naturalmente que chegam a prejudicar-se, porque não fornecem relevos destacados no total; já se notou, por exemplo, que foi pena ter a política absorvido tanto duma energia que bem melhor seria se tivesse gasto a escrever. Estar todo em qualquer aspecto, nem sempre é uma condição de triunfo; mas é uma condição de virilidade e de perfeição moral. Seja, pois, êste ou aquele o ângulo de observação, há-de concluir-se que o poeta que êle era nunca lhe serviu para justificar um ordenado de funcionário, que a sua entrada na política se não ficou devendo a ambições pessoais, e que não foi para poder fazer jornalismo que suportou os alunos e deu aulas. Os seus versos, a sua política e o seu ensino salvam-se sempre, desde que baste colocar tudo isso num plano de sinceridade que foi até ao sacrifício; podem não o tornar de fama imortal, mas chegam para justificar a segurança com que escreveu dos seus ideais e dos seus actos. E' por isto — e talvez só por isto... — que me custa verificar que Simões Dias persiste na memória dos leitores de literatura como um nome desbotado junto dos grandes nomes do seu tempo; a meia página com que os livros da especialidade o liquidam, é, possìvelmente, apertada de mais para a sua obra; para o seu coração, de certeza.

Convém insistir e relembrar que se não esgota a figura do autor das «Peninsulares» quando se tiver enunciado o caracter da sua poesia e dos seus contos; há nêle outros interesses além dos literários e uma curiosidade por problemas que viveu tão sinceramente como a literatura. Ensinar — foi um dêles.

Por necessidade e por disposição natural, Simões Dias pensa e pratica o ensino desde muito novo; pode mesmo afirmar-se que, como tantos outros, foi professor desde estudante.

Para se avaliar o significado que a escola teria na sua vida, é preciso não esquecer que êle se decide pela carreira docente depois de fortes estudos humanísticos, quando era já um nome literário conhecido e no final de um curso jurídico brilhante; entra nela por concurso, quere dizer, por exclusivo esfôrço e valor pessoal. Não me parece que simples condições circunstanciais — como certas questões afectivas ou o desejo de resolver depressa uma situação económica precária — expliquem esta escolha, que não tinha o brilho ou o proveito de muitas outras. O que sabemos de Simões Dias, permite, ao contrário, negar que deve ter pesado na sua decisão uma tendência acentuada para comunicar espiritualmente, um gôsto pelo contacto humano, efusivo e contínuo que a vida escolar implica. E assim se compreende o entusiasmo com que se lança imediatamente a escrever e a traduzir livros didácticos e como, mais tarde, mesmo afogado na política ou no jornalismo, êle será constantemente um mestre; o que poderia provar-se notando o cuidado com que se documenta sôbre a evolução escolar nos países cultos, a persistência com que escreve sôbre questões da sua profissão até final, atitudes que uma vaga rotina ou caracter acessório nunca dariam; vê-se que não foi um mestre liceal qualquer, um dêstes funcionários que teem uma carreira começada e acabada com três linhas na 2.ª série do «Diário do Govêrno».

Mas ainda que não estivesse demonstrada a naturalidade com que lhe assentava a profissão, o que sabemos do seu carácter, por escritos e por depoimentos de amigos, convencer-nos-ia imediatamente que, fôssem quais fôssem os seus motivos de adesão a um modo de vida, não era homem para proceder levianamente e muito menos para não dar tudo o que estivesse dentro das suas possibilidades, desde que se sentisse metido numa questão séria. E' assim, pelo menos, que eu o vejo e não me foi difícil, portanto, aceitar que alguma coisa de positivo se pode ainda hoje tirar do seu exemplo.

Não é meu propósito apresentar aqui um esbôço do que poderia chamar-se o estudo da obra pedagógica de Simões Dias; seria, para tanto, necessário que a boa vontade de quem me escuta viesse preparada e que o tempo disponível tivesse outra amplitude — também nestas ocasiões é preciso atenção ao horário... Limitar-me-ei a tomar alguns apontamentos de leitura, a ligá-los por um fio lógico e a construir, assim, umas linhas breves que não atraiçoem a pessoa em causa; uma apreciação com veleidades científicas teria de esmiüçar desde a biografia aos livros didácticos e ainda a todos os demais escritos pedagógicos; teria de analisar a sua acção nas escolas por onde passou e nas comissões onde, como profissional ou parlamentar, tomou parte; teria de situá-lo no movimento pedagógico da sua época, que é, para o ensino secundário, decisivo; concluíria, finalmente, por um juízo valorativo da sua acção em tal campo. Teríamos dessa maneira nas mãos um pedaço de história que ontem era vida e cuja importância se prolonga até hoje; para quem goste do género é atraente, e por isso confesso ser um estudo que ainda não desisti de tentar.

E' facto, entretanto, que apesar do meu intuito de poupar vv. ex.as aos nomes técnicos, às datas e às citações, uma coisa não consegui evitar: ver Simões Dias como um homem que tem necessàriamente a sua história e que exerceu uma actividade por forma a poder tirar-se dela uma lição normativa — aquela moralidade que os pedagogos consideram tão fundamental, que não hesitam, para a ministrar, perante os veículos mais efectivos.

Quem é do ofício, já tinha adivinhado que isto em mim era inevitável...

Quando se considera o panorama de uma vida, é sempre possível, por mais banal que ela seja, encontrar-lhe também os seus *passos*, sítios ou momentos que pedem se faça neles uma estação, isto é, uns minutos em que é dever parar e, quando não mais, reflectir. Acontece até que podemos muitas vezes assinalar também êstes *passos* com uma cruz... As cruzes não faltam na vida de Simões Dias e perante algumas sucedeu-me parar e fazer considerações. Trata-se, evidentemente, da sua biografia intelectual. Impressionou-me, por exemplo, que Simões Dias fôsse um poeta e um autor de compêndios, isto é, uma pessoa que, tendo do mundo uma visão estética especial, consegue, simultâneamente, dar-se ao concreto limitado e sêco que é o alinhar de frases incolores para uso de estudantes. Não é que o poeta seja necessàriamente um sêr incompatível com o ensino e com os livros escolares: o que é surpreendente é o corte que me pareceu existir entre os escritos do *poeta* e os do *professor* Simões Dias. E' certo que nos seus trabalhos sôbre as reformas de instrução secundária ou ainda na série de belos artigos àcêrca do estado da escola elementar portuguesa, algum calor aparece do muito com que nos seus versos fala da escola e dos *pequeninos*; sente-se o gôsto com que interrompe o tom didáctico do poema para exclamar:

Ai quanto me consola
Falar em coisas destas
A's infantis idades,
. . . .

Mas de quem assim escrevia nos versos, talvez se pudesse esperar mais nos livros didácticos; mais esperaria certamente o leitor de hoje, que é de uma época em que as fronteiras dos géneros literários pouco têm a ver com as regras e oscilam à mercê da personalidade do autor. Pensando melhor, convenci-me que só por exagêro eu contava encontrar um poeta lírico dentro da *Teoria da Composição Literária*... Era culpa minha e não de Simões Dias: êsse obedecera aos preceitos, apresentando, como de razão, tôdas as noções correctamente, mas subordinadas às exigências escolares — que era a sua finalidade ao escrever livros de ensino. E logo me vieram à memória outros exemplos, e à frente o caso de Herculano, figura que devia ser da admiração particular de Simões Dias, pelo muito que a valoriza na sua *História da Literatura* e pela complacência com que aceita os seus temas e atitudes poéticas, quando não mesmo algumas preferências políticas e morais. Também Herculano não confundira os campos. De resto, o mais natural é que o *poeta* se tivesse podido ver perfeitamente ligado ao *professor* naquela forma de ensino que são as lições onde, bem melhor que nos livros didácticos oficiais, o artista encontraria meio de revelar-se. Mas as aulas têm sempre uma inevitável parecença com as representações do teatro, e, quanto mais vivas e brilhantes, mais parecidas; nelas, como no teatro, os ouvintes conseguirão ter consciência do significado e do valor dêsses minutos, e todos os restantes saberão apenas o que se conta, e dos mais velhos aos mais novos dentro da escola quási se não chega a criar uma tradição; mortos os que ouviram e morto o eco que deixaram — não há mais nada. As lições, afinal, são sempre um meio e como tal servem para queimar, não interessando agora que quem as pronuncia vá ardendo ao mesmo tempo.

Para este particular era fundamental, pois, conhecer a impressão que Simões Dias deixou nos seus alunos; não me foi possível averiguá-lo, mas é lógico supor que algumas das suas características pessoais, em especial a tendência para a expressão fluente e colorosa, mais inspirada que pensada, saliente em muitas das suas páginas, se manifestassem ainda melhor na comunicação falada. Como todo o mestre-escola, Simões Dias deve ter vivido o velhíssimo poema do homem que se gasta para que o seu semelhante perceba e sinta que existe o conhecimento, que existe a perfeição, e veja, como se diz no *Génesis*, «que isto é bom». Viveu o poema, embora o não conseguisse dar perfeitamente em poesia, o que nada tira ao valor moral do homem que não pôde extrair da beleza com que executa uma missão outra coisa que não seja a paz de uma consciência repousada.

Voltando aos seus livros didácticos, notarei que é possível que o leitor de agora os considere um pouco esquemáticos e muito confinados ao histórico; o que não impedia que várias obras posteriores do género lhe seguissem o método expositivo e que no respeitante à segurança dos dados fundamentais nada tenham perdido. Uma escola de crítica interpretativa de feição impressionista, consideraria insignificante esse pormenor, mas é evidente que o rigor das nomenclaturas e dos factos nunca pôde prejudicar quem queira partir daí para outros e superiores destinos. Melhor que o livro de texto, os estudos que consagrou às questões de ensino revelam fundas possibilidades e permitem desenhar algumas linhas essenciais. E' neles evidente a preferência de Simões Dias por um meio têrmo contemporizador, que não era só uma forma de aceitar o progresso sem cortar com o passado, antes surgia do bom senso, da experiência directa, do conhecimento da torção que as ideias sempre sofrem no contacto com a vida social; algumas desilusões e possìvelmente a sua necessidade de ser franco e coerente, obrigaram-no mais tarde a ser incisivo e directo, escrevendo assim um documento fundamental sôbre a triste situação da escola portuguesa nos fins do século XIX.

Se o meu plano o permitisse, as afirmações vagas que estou fazendo poderiam estabelecer-se sôbre uma documentação abundante, que tornaria evidente a sua preocupação em se não deixar atrazar em conhecimentos, tirando do movimento pedagógico estrangeiro tudo o que lhe parecia útil para o esclarecimento do caso português; mesmo uma leitura apressada nos revelaria a cada passo observações, ideias, problemas que teem perfeita actualidade e não são hoje vistos com maior clareza que a que Simões Dias pôs na sua análise. Tinha de ser assim um homem que bem se retratou nestas linhas dum dos seus livros: «Dei, como sabes, em mestre-escola. Desde que principiei a reflectir nas torturas que me infligiram os velhos mestres-régios de vergonhosa memória por cujas mãos pesadas foi passando sucessivamente a minha atribulada educação oficial, desde logo compreendi que a mais humanitária das obras de misericórdia não é ensinar os que erram, mas saber *ensinar os ignorantes*. Saber ensinar, ouviste bem?...» Que se há-de dizer de alguem que por muito ter sofrido na escola sente o desejo de ser professor, senão que tem vocação natural?

A «sua musa», diz Simões Dias,

Mora numa água-furtada
Que lhe deram no Parnaso;
Vive só, não tem criada,
. . . . .

e essa simplicidade e modéstia convêem igualmente ao que não é já a sua musa; mas note-se que a mediania não exclue um desejo de personalidade e independência: *vive só*... diz êle. E' uma aspiração a ter em conta, talvez mesmo quando se não realiza.

Depois de se haver compreendido como as qualidades do artista se alhearam dos livros não literários de Simões Dias, poderá observar-se que o contrário não é tão evidente, e que o professor se manifesta em aspectos da sua obra que já não são profissionais; por muito natural ou por muito exercitada, a sua *vis docendi* irá até dominar onde era escusado. O leitor das «Peninsulares» e da colecção dos contos pode testemunhar como o autor transporta para esses terrenos certo vinco profissional, que vai das figuras ao vocabulário, nem sempre melhorador do produto. Quere dizer, o poeta poderá não se sentir no professor, mas o professor sente-se, ele demasiado, onde devia estar o poeta. Sirva de exemplo o tom pedagógico e moralizante declarado na *advertência* das «Figuras de Cêra», com a preocupação de se desculpar perante o leitor da *falta de uniformidade ortográfica* do texto e de possíveis *incoerências de sintaxe*. A aula e a gramática a atrapalharem um literato...

Na fase final da vida, perante os desenganos da política e o estancamento da imaginação, o professor acaba por impôr-se, é o último a morrer, quando quási tudo o que fôra já estava morto. Esta maneira simples de ao ser o que é, sem fabricações violentas ou evasivas, tomou-a Simões Dias como regra, visto que escreveu que «a vida dos homens de letras reproduz-se nos trabalhos que fazem, como as feições dos pais se reproduzem nas feições dos filhos». Pode não ser a regra que traduz perfeitamente a atitude do artista, mas é uma chave para interpretar os sinais que na sua obra parecem corresponder ao que pensou ou sentiu. Assim, quando chama «Mundo interior» a uma compilação de poemas da juventude, não parece que fôsse apenas a ressonância ou a expressividade do título, o que o levou à escolha; em vez disso, temos de inferir para uma preocupação afectiva, para uma tendência a considerar tudo em função do seu íntimo de poeta. Essa preocupação um alerdor ao que lhe é subjectivo, nunca o abandona e explica que mesmo nas polémicas as suas palavras tenham um tom humanizado, que foge a efeitos literários e não hesita, para se exprimir, perante um verbalismo fácil e puído. A polémica azêda e o sarcasmo não lhe eram desconhecidos, mas onde um temperamento audacioso e violento construiria um vendaval irresponsável, Simões Dias aponta, documenta, anota, dá a impressão de juntar materiais para o que seria uma polémica à Camilo. Mas quem assim usa o seu «Mundo interior», corre o perigo de *sofrer* de sinceridade, sem que com isso melhore fatalmente a expressão dos sofrimentos; a atenção ao seu «Mundo» pode torná-lo escrupuloso a pontos de tudo sacrificar só para que depois da acção se não sinta perturbado intimamente.

Neste passo, vale a pena fazer uma citação, porque ele representa uma das nervuras fundamentais na rêde de aspirações e virtualidades que os factos duma existência como a de Simões Dias lògicamente supõe. A' primeira vista pouco se tira duma vida que não é tumultuária, mas apenas agitada, que nada tem de trágico e só a dôr na dose normal, que é a vida dum funcionário que nasce numa aldeia, se faz numa cidade, anda por várias terras e acaba na capital, onde tinha nessa altura a cadeira, como era uso dizer. E' uma paisagem biográfica que lembra a uniformidade tristonha descoberta dum *monte* alentejano; mas a atenção acaba por encontrar mais que as inevitáveis mainheiras e por aprender estremecimentos sob a monotonia. Porém, o impressionante será sempre a continuidade e a colocação apropriada de todos os elementos. Simões Dias teria sido assim, firmemente prêso a meia dúzia de princípios morais, literários e pedagógicos, que o acompanharam até ao embranquecer dos cabelos, até à esclerose definitiva da morte. São êsses princípios fáceis de identificar num partidário do bispo de Viseu, num correligionário de José Luciano de Castro, num camarada de Oliveira Martins, o que justifica e está na origem de muitos dos seus estudos, mesmo de carácter artístico.

A sua preferência pelos valores da Espanha, que não pode separar-se do título da sua obra poética, confessa êle que nascera da vontade de fazer justiça a um grande povo ignorado ou mal conhecido em Portugal; no seu «Mundo interior», Simões Dias tinha de simpatizar com eram, como êle, peninsulares. E' nesta e noutras circunstâncias uma pessoa séria, um exemplar de homem cá da região, dêstes que desde o fato simples ao bigode farto impõem respeito; talvez um nàdinha lento, uma expressão de solenidade e de firmeza, que é bem visível nos retratos e nas caricaturas de Bordalo, a bôca mais pregada que fechada; pouco maleáveis, pouco inventivos, homens que não espantam nem entusiasmam, mas são seguros e de intuitos claros, capazes de acção, mas sem as ilusões magníficas dos criadores. Alguns acabam por agitar-se, contraditos, e preguntam-se se, para que os que avaliam devidamente, não seria melhor desfazerem-se de uma parte da seriedade natural; daí até ao pessimismo e ao desânimo é perto e Simões Dias chegou lá com facilidade: em certos dos seus poemas e dos seus contos está a prova.

Esta maneira de ser vertebrado pode ainda explicar que nunca manifestasse a avidez inferior dos que se cegam com a moda, quer seja das ideias gerais quer seja das formas artísticas, explicaria como vivendo numa época de profunda renovação literária se conservou fiel aos modelos a que entusiàsticamente aderira na mocidade. Bem sei eu que daqui tanto se

No I centenário do poeta Simões Dias

à sua memória querida

A' tua aldeia modesta
Eu também fui, de longada.
Romeiro da tua Festa,
Nem me cansou a jornada.

Levei fresco rosmaninho,
Filho do nosso torrão;
Para depor, com carinho,
Nos degraus do teu baicão.

E vi ranchos a cantar
Teus versos, feitos cantigas...
— Há-de ser bem dôce andar
Na bôca das raparigas! —

Festa que o povo inventou:
— Saudades e Alegrias!...—
Até alguem encontrou
«O lenço, de Simões Dias!»

Do triunfo merecido,
O que me encanta, o mais nobre,
E' ver o teu nome erguido
Na alma da gente pobre.

Ai não te escondam de novo
Como a folha a violeta!...
Os teus versos são do povo,
Porque tu, eras Poeta!

Avô, 7 de Fevereiro de 1944.

VASCO DE CAMPOS.

podem tirar argumentos favoráveis como desfavoráveis e que a [illegible] também pode chamar-se em arte incompreensão e secura; mas como não falo do artista e sim do professor, arrisco-me a [illegible] para confessar que, segundo as boas regras, tão bem estudadas e afinadas por Simões Dias, era a [illegible] propósito, que visava a moralidade e a lição. Se isto fôsse uma composição de retórica, teria que por aqui. Mas eu cheguei tarde à escola e já não encontrei lá a *Teoria da Composição Literária*: o exemplar que tenho comprei-o num alfarrabista da Alta e comprei-o só porque sabia que o autor era dos meus sítios. Mais tarde, li o livro, mas o motivo do interesse inicial foi o provincianismo que acabo de confessar.

Achei-me, anos depois, mais à vontade, quando me convenci de que o próprio Simões Dias não fôra isento dessa bem notória fatalidade de muito português e adulto, que tarde ou cedo vem a sofrer a crise do regresso e volta ao ponto de partida, quer seja romancista, letrado ou emigrante. Simões Dias morre em Lisboa, mas já antes se transportara à sua aldeia e sepultara entre os seus montes; ainda o caminho da prosa de um conto, mas é claro como água o que está sob o recato do pobre herói: na vida dos homens de letras reproduz-se nos trabalhos que fazem, como as feições dos pais se reproduzem nas feições dos filhos... Veio até nós, que aqui nascemos também, à sombra das mesmas serras e junto das mesmas águas, e que aqui nos reunimos hoje para lembrar o seu nome, trazer-vos o que foi e que anda por aí à volta expresso na segurança das pedras e na rigidez vertical dos pinheiros bravos. Seria injusto não o receber e não procurar conservá-lo.

O passado não desaparece enquanto o compreendermos, e os mortos não morrem de todo enquanto os recordarmos; o que foi, só pode viver do presente, mas deve viver em consciência, a virilidade, a altivez e o [illegible] destas figuras que eram de Espanha, mas [illegible] não apenas nos [illegible] e nos [illegible] herdadas. Perante a fatalidade do esquecimento, também nós nos justificamos se fôssemos como aquela [illegible] que num certo livro lida dia e noite para que o companheiro não acabe por ser pedra. Lembram-se? Por artes mágicas, e [illegible] transformara-se em pedra, mas dentro dela existia a lembrança do homem, isto é, a esperança do regresso à forma humana! Manter, porém, essa lembrança no coração duma pedra, é custoso e, por isso, era tão forte a tentação do sono definitivo, da aceitação do seu destino universal! E, por isso mesmo, junto dela, hora a hora a lembrar-lhe que não se esqueça de viver e pensar, a companheira o mantém acordado até ao dia em que se quebre o encanto e êle regresse a homem.

Sempre me fez estremecer aquela mocinha que no tal livro luta sem descanso para que um ser humano se não torne definitivamente morto, perigo que existe nos livros dos poetas e no resto do mundo.

Agrada-me, portanto, que fôsse possível juntarmo-nos aqui com o fim único de não deixar ainda morrer o nome de Simões Dias, que foi um Homem, e que merece ser defendido contra aquilo que [illegible] pelo que há de cómodo na imobilidade e na inconsciência.

Nova salva de palmas premeiam a oração do ilustre conferente e outras se ouvem, igualmente expressivas, quando o

Dr. António de Sousa

se dirige ao lugar dos conferentes.

—Eu sou—começa—dos que crêem na unidade da poesia; mas sei também que os conceitos que dela teem os homens que a viveram em diversas épocas e até dentro da mesma época, são diferentes, como são diferentes os daqueles que a vivem hoje. E como os poetas — os verdadeiros poetas — são escravos da sua vocação, o seu conceito da poesia influe na sua visão cá dêste mundo e no rumo das suas vidas de um modo que lhes é peculiar, e que, geralmente, os faz parecer estranhos aos olhos dos outros homens. Comparemos, por exemplo, aliás sem pretensões de exaustiva análise, o caso de Simões Dias com casos do nosso tempo.

E depois de nos dizer, com inteligente expressão, o poema «Autopsicografia» de Fernando Pessoa, um dos mais representativos poetas modernos, comenta:

—Da leitura dêstes versos infere-se a atitude do seu autor diante da vida. Ainda que êle o não confesse, ou até mesmo o negue — o poeta é um fingidor...—essa atitude é fundamentalmente de auto-exame, de íntima rebusca.

«Resultado e motor, ao mesmo tempo, de viagens de exploração a mundos interiores, procura do inefável ou do irredutível nos abismos da personalidade, o mundo do concreto não lhe interessa senão como pano de fundo ou acessório. Pano de fundo ou acessório que só serve ao poeta para o ajudar a criar no leitor uma espécie de estado hipnótico propício à recepção da mensagem essencial, é, afinal, a sua auto-revelação, apenas.

«Fernando Pessoa levou até ao extremo o menosprêzo pelo concreto, pela sinceridade humilde e amorável ante o mundo de tôda a gente, exibindo-se em múltiplas personalidades literárias fictícias—os seus heterónimos. Assim, êle foi bem um dos representantes qualificados de uma época perturbadora e conturbada em que o homem se isolou, desesperado ou megalómano, para tentar arrancar de si mesmo, e por si mesmo, um mundo ou um pedaço de mundo para viver... ou morrer.

A confirmar mais os seus dizeres, o orador recita a seguir «O Poeta», que é a «voz de um poeta vivo—Miguel Torga—a contar um dêsses destinos sôbre-humanos», continuando de seguida:

—Simões Dias não pode comparar-se com Fernando Pessoa pela influência exercida sôbre os contemporâneos, pela qualidade da sua poesia e perfeição da sua arte, mas é bem mais comunicativo do que êle e, portanto, mais acessível aos seus semelhantes. Por isso o povo tomou conta de tantos dos seus versos e os canta como se fôssem coisa sua.

«O primeiro livro de Simões Dias chama-se «Mundo Interior»; é uma colectânea de líricas. «Mundo Interior»!... Mas facilmente veremos, ao ler os seus poemas, que essa designação é apenas um rótulo literário. Não por menos sinceridade do autor — Simões Dias foi acima de tudo um homem íntegro, de rara inteireza moral — mas decerto por ingénua adesão a uma aparência. A poesia de Simões Dias vai do mundo para êle e não dêle para o mundo, ou, talvez melhor, é o resultado de um acôrdo entre os dois. As dores que canta, são as de tôda a gente; a ironia das suas sátiras, é sádia e natural; o seu evangelho social aponta a problemas concretos e a sua sêde espiritual resolve-se com a bênção de um catolicismo purificado como o do seu grande amigo o Bispo de Viseu, D. António Alves Martins.

«O título definitivo da sua obra poética «Peninsulares», pode sugerir sol e sombra, lírica saudade e brandura portuguesa, e ímpeto e sensualidade castelhana; mas não insinua a aura de mistério, o tormento intelectual, o riso ácido e triste, o desespêro e os demais ingredientes que compõem aquela espécie de possessão demoníaca do poeta que se auto-analiza e se auto-destrói à procura de materiais para a sua obra.

«Em Portugal só António Nobre — o caso mais revelador do nosso génio poético depois de Camões — me parece ter conseguido, até certo ponto, a síntese dêstes dois tipos de poesia.

«O meu assêrto a respeito de Simões Dias como poeta, firma-se, aliás, nas suas próprias palavras. No Juízo Literário do ano de 1868 — publicado na «Fôlha», revista literária, ou Microcosmo Literário, como lhe chamaram os próprios pais, dirigida por João Penha — diz êle, entre outras coisas: «A poesia entre nós, como nos outros povos, é semelhante àquele fruto do Mar-morto, exteriormente formoso, no interior cinzas. E' fruto de apetecer, mas o gosto derranca o paladar. A poesia assemelha-se aos beijos de amor: são doces quanto o podem ser, mas deixam os lábios a escorrer sangue. Se isto é verdade, porque não quebram os poetas a lira nos joelhos? porque não fazem estilhaços o arrabil queixoso? E' porque a poesia, digam o que disserem, é um atributo de certas naturezas, uma necessidade do espírito, um apanágio inamovível da alma predestinada para a formosura divina! Pois já que assim é, cantem os Orfeus, mas não aspire nenhum às coroas que em Portugal lhe hajam de decretar. Bem sei eu que muitos homens, que a posteridade ainda hoje chama poetas, injusta e falsamente se queixaram da sua má fortuna, Petrarca por exemplo; mas aqui estou falando dos poetas em tôda a extensão da palavra, e não dos mercenários, dos escravos de caprichos fidalgos, convivas burgueses da mesa feudal. Estes que vendem a sua lira e a sua pena por um grão de incenso ou por um prato de lentilhas; êstes que sacrificam a consciência nas aras da superstição ou do interêsse, a verdade no banco imundo da mentira; êstes que cantam para que os cantem, e levantam o espelho ao Sol para que o Sol os ilumine; êstes não são os sacerdotes do povo e da verdade, os representantes de um século, os ministros independentes da religião augusta da poesia! Não; o poeta é só aquele que despede da lira as notas que lhe ressaltam da alma. Eis o poeta, como eu o entendo. Não obstante a ausência de estímulos, não obstante o fel da adversidade que costuma envenenar os melhores dias do poeta, a poesia é uma necessidade, e mais imperiosa predomina em o meio dia da Europa. E' o clima que nos exalta, a paz que nos embala, o rouxinol que nos ensina a cantar. Mal sabem os empreiteiros do verso, que a poesia lírica é uma das formas mais difíceis da arte. Num mesmo momento afluem, por vezes, sentimentos e pensamentos contrários, em desordem, como duas correntes que se encontram. Importa bem combinar-lhes a tenção e sobretudo escolher a melhor forma para o emolduramento. Esta é a poesia universal e por isso mesmo é que deve ser mestre o que nela tiver a fortuna de sobressair».

—Por curiosidade — prossegue o ilustre orador — intercalamos êste juízo sôbre João de Deus (esperava-se então o aparecimento da primeira colectânea dos seus versos *Flôres do Campo*), «poeta que tem feito muito bem e muito mal a muitos escritores dêste ano». E diremos, em aparte, que a êle Simões Dias só lhe fez bem, como veremos ao ler alguns dos seus poemas à maneira do Mestre.

E continua:

—Diz, depois, Simões Dias: «Em resumo: A poesia lírica, a despeito da sua dificuldade, não escasseou; à falta de direcção crítica, seguiu rumos diferentes e se desnorteou por vezes; e porque os modelos não foram dos melhores, se evasiou numa vacuidade absurda ou desandou num servilismo tradicional pelo individualismo, que há-de dar cabo de algum talento que por aí anda desgarrado».

«Lidas estas palavras de Simões Dias — continua — podemos afoitamente dizer que quem sente a necessidade da poesia, porque o clima o exalta a paz o embala e o rouxinol o ensina a cantar, e quem acha o individualismo responsável, em poesia, pela perdição de talentos desgarrados, não pode ser considerado um mergulhador dos abismos da própria alma. Mundo íntimo — uma expressão literária, apenas. O que está certo para os poemas de Simões Dias é o título «Peninsulares».

«Êle não sofreu, como poeta, o que sofreu, por exemplo, o seu contemporâneo Antero, que, até atingir a sua paz interior fêz, os mais belos dos seus poemas com a substância da sua alma torturada.

«A poesia de Simões Dias é, decerto, fresca e espontânea, humana, simpática, enfim, mas é a obra de um homem que viveu e actuou no meio dos seus semelhantes, e singular foi pelo talento literário, que é dom de pouca gente. E assim, os problemas de Simões Dias, como poeta, são problemas literários que lhe não ensombraram a vida. A sua inspiração não o põe em desacôrdo com o mundo senão para sorrir dos seus ridículos ou propor para os seus males os remédios duma doutrina ou duma crença colectiva. Foi um sacerdote do povo e da verdade, representante de um século, ministro independente da religião augusta da poesia (para usar as suas próprias expressões), mas não deu a essa poesia a sua carne e o seu sangue».

Dá-nos, então, o ilustre conferente, uma síntese das diversas facetas da obra de Simões Dias, dizendo, muito bem, algumas das suas producções — desde as de sabor camoneano até aquelas que são de verdadeiro carácter popular.

Continuando:

—Simões Dias foi um poeta e escritor fecundo, e a sua obra teve projecção fora de Portugal. De 1861 a 70, não houve fôlha literária de Coimbra em que não colaborasse e os espanhóis traduziram os seus poemas.

«Que pensaram deles os seus contemporâneos? — pregunta, para logo responder: O autor do estudo crítico-biográfico da 5.ª edição das «Peninsulares», Visconde de Sanches de Frias, diz que a sua poesia participa do lirismo de Espronceda, da melancolia de Lamartine e do cançonismo de Beranger. O próprio Simões Dias diz ter querido «despedaçar as peias do convencionalismo romântico, buscando a inspiração popular como Camões e Frei Agostinho da Cruz, pois essas eram as tendências da poesia entre 1861 e 1870.

«Castilho e Camilo aplaudiram-o. Pinheiro Chagas chamou-lhe o primeiro guitarrista peninsular.

«A *Fôlha*, de que foi redactor, anunciou assim o aparecimento das «Peninsulares» na secção «Factos Literários»: «Anunciamos hoje a publicação dum volume de canções meridionais. Intitula-se «Peninsulares», porque o autor

De Portugal e das Espanhas canta;

e porque «a guitarra de Almaviva, no braço do Salamanquino, mal poderá soar em Espanha que se não oiça em Portugal».

«A respeito dêste livro de poesia popular, diz-nos o poeta: «Nem sempre afinámos a lira pelas tonadilhas populares, é verdade; mas, em compensação, aproximámos a estrofe, quanto possível, da ideia do povo, que de nenhum modo havemos de confundir com a plebe — a criadora anónima de mil chocarrices de que andam prenhes os nossos cancioneiros. Demais, êste livro é uma síntese, não é uma análise».

«Exposta a ideia da obra, escusado será dizer a quem nos lê, que Simões [illegible] e houve galhardamente no decurso [illegible] todo o seu trabalho.

«Os leitores, que já lhe conhecem muitos dos florões da sua corôa de poeta, não nos hão-de julgar exagerado se dissermos que as «Peninsulares» com poucos livros da poesia portuguesa teem paralelo.

«Alguns defeitos de forma poderíamos apontar, se nos propusessemos fazer aqui a análise do livro. Deixemos, porém, êsses e outros senões para ocasião mais azada.

«Por hoje, anunciamos o livro e transcrevemos algumas estrofes, em que o nosso poeta, meridional de raça pura, faz vibrar as cordas do arrabil peninsular:

Ao lado, moças da aldeia,
vai passar
a mais formosa alamêda
do lugar.

«E as restantes quadras desta poesia nos ofertou, no seu dizer perfeito, depois do que, para rematar os seus juízos de boa análise, disse ainda — conforme o parecer fundamentado de Afonso Duarte, brilhante poeta — que Simões Dias era o único poeta erudito a quem o povo não alterou as suas quadras, o que significa encontrar-se êle verdadeiramente integrado na alma e expressão popular».

Novas palmas reboam na sala quando a palavra fluente do admirável autor das «Sete Luas» termina a sua sugestiva lição. E, após um curto intervalo, mais uma vez estrugem quando o neto do poeta, o artista do violino e também dado às musas, sr.

Mário Simões Dias

se ergue para falar. Não se ouve só o coração agradecido, escutam-se palavras de bom sentido crítico, de enlevada admiração pelo seu ilustre antepassado, de carinhosa evocação da sua vida afectiva e social, e tudo numa linguagem de bom recorte e de, muitas vezes, comovido entono.

Falou o coração e falou o entendimento; ouvimos ainda a sensibilidade. Era como se duma artista. Era a voz do sangue a cantar nos seus lábios, que também registaram êste curioso paradoxo de haver poetas cujos nomes se decoram, embora não se lhes conheça a obra, e ser Simões Dias de tantos esquecido, mas de quem repetem os seus versos.

Começou s. ex.ª:

—Desejei dizer duas palavras nesta sessão comemorativa do 1.º centenário de meu avô, não por simples e banal desejo de exibicionismo, nem por estulta pretensão de formular, a uma luz nova, novos juízos críticos sôbre a obra de Simões Dias. Por mim, não me atribuo virtudes dignas de exibição; por meu avô, êsse tem na História da Literatura Portuguesa, e por direito de conquista, lugar honroso, que ninguém pensa nem pode já tirar-lhe.

Não desloquemos, pois, estas palavras do plano em que as coloca a intenção que as ditou.

E prosseguiu:

—Outras razões se impuseram à minha consciência com a fôrça irresistível de sólidos imperativos; e foi obedecendo-lhes que vim.

Não se há-de estranhar que esta comemoração tenha acordado em mim um sentimento, podemos dizer, de comovido regozijo.

Nascido e criado no respeito, no culto dêsse ilustre antepassado, que conheci tão de perto quanto me foi dado conhecê-lo através da saudade de uma filha, minha mãe, que quási diàriamente o recordava, explica-se que me comovam todas as manifestações de apreço, de saudade ou de respeito, que atestem a sua sobrevivência na lembrança ou na admiração dos outros. Daí, e sempre que essas manifestações assumem carácter de pública consagração, outra espécie de sentimento, êste de gratidão por quem, consciente da justiça delas, as lembra, as prepara, as realiza, e lhes dá significado de homenagem colectiva.

Foi êste sentimento — frise-se — que me forçou a vir dizer aqui a palavra de agradecimento, latente no meu espírito desde a primeira hora em que se pôs em marcha a idéia desta comemoração.

Mas outra circunstância ainda faz ressaltar a meus olhos, valorizando-a, a significação da sessão de hoje.

Simões Dias não é, positivamente, um dêsses poetas, cujo nome ande todos os dias na bôca de tôda a gente. João de Deus, Antero, Junqueiro, Castilho, Garrett, são nomes que todos dizem, que tôda a gente conhece. Em boa verdade, muitos dos que os dizem, muitos dos que os conhecem, nunca leram sequer uma só linha de qualquer dêsses autores. Repetem simplesmente nomes ouvidos. Mas, com ou sem consciência disso, todos trabalham dia a dia na perpetuação, entre o público, dêsses nomes.

Dá-se com Simões Dias precisamente o contrário. Quem não conhecerá pelo menos alguns dos versos dêle?

O lenço que tu me deste
Trago-o sempre no meu seio ...

Ou ainda a quadra mais popular, que algum dia um poeta português pôde escrever:

Quem tem pombinhos pequenos
Por fôrça lhes há-de cantar ...

Depois:

—Mas se todos conhecem os seus versos, raros sabem de cor o nome de Simões Dias. Quererá isto dizer que, pela espontaneidade, pela simplicidade, pela vida natural da sua musa, Simões Dias foi talvez o que mais perto esteve da verdadeira poesia, daquela que não se busca porque jorra da nossa sensibilidade como a água da nascente, porque nasce em nós, vive em nós, é expressão de nós ou, para melhor dizer, a nossa própria expressão?...

Seja como fôr, o certo é que, exceptuada uma pequena e culta elite de estudiosos, Simões Dias pertence ao número daqueles a que chamamos os grandes esquecidos.

Verdade seja que a responsabilidade desta injustiça cabe em primeiro lugar ao próprio poeta, que nunca tentou chamar para o seu nome glórias merecidas, que nunca, por amor de fáceis popularidades, salpicou seus versos com retumbâncias espectaculosas, que nunca atraiçoou a originalidade do seu estro (porque essa originalidade existe sob o respeito das formas tradicionais) com espaventos transcendentais, com fórmulas [illegible], com atitudes teatrais e estrondos de inconformismo ou de iluminismo reformador. Êle próprio o disse:

Eu canto como canta o passarinho
Pousado à tarde no rochedo alpestre,
Quando, ao passar de doido torvelinho,
Se lembra com saudade do seu ninho.
Onde aprendeu a descantar sem mestre.
Canto a corrente, como seu irmão,
Canto por [illegible].

Foi êste cantar sincero e desambicioso — saliento sem restrição — que lhe deu seu quinhão de responsabilidades no injusto esquecimento do seu nome. A modéstia é, por vezes, bem comprometedora.

Por outro lado—prossegue—tem-se insistido talvez demais, com exagerado exclusivismo, numa feição, embora característica da sua obra poética: a ingenuidade, o lirismo amoroso, a melancolia, a suavidade, qualidades que realmente lhe pertencem, mas indubitavelmente aquelas que, por um evoluir de tendências artísticas, sentimentais e estéticas, estão menos nas preocupações literárias de hoje, menos no gôsto actual, digamos, menos à moda, que a poesia, talvez por ser feminina, também é escrava de modas. Encontra-se, porém, em Simões Dias muita coisa além de cadeias de amor, de saudades desalentadas, de tristezas de vencido.

E mais adiante:

—Simões Dias, tive já ocasião de o afirmar algures, não foi um triste, um melancólico, um pessimista. Pelo contrário. Dotado de singular e admirável coragem moral, as desgraças que sofreu nunca o venceram, nunca o fizeram perder a firmeza de espírito, a tranquilidade de consciência, a alegria serena, a calma, o bom humor, a graça, essa graça que até o fim da vida conservou, tão natural que com ela todos riam, menos êle.

Tem sido pouco olhada por êste ângulo, pelo lado robusto e sadio, a obra de Simões Dias. Contudo, a alegria saudável, a ironia, a crítica sagaz da vida e dos costumes, a observação profunda, dolorosa ou humorística, da grande comédia humana, não desertaram nunca das páginas de «As Peninsulares».

Por cada porta aberta, sahi a [illegible],
[illegible]
[illegible]
Mas trago luva branca e chapéu alto.

Continua, sempre ouvido com crescente interêsse:

—Podia multiplicar exemplos de poesias animadas por mais altos ideais, por pensamentos e sentimentos de mais rasgado universalismo, por ideias patrióticas, religiosas, políticas ou sociais; mas eu disse justamente que não vinha formular juízos críticos sôbre a obra de Simões Dias. Quis apenas focar rápidamente alguns factos que me parecem determinantes do esquecimento que envolve êste poeta, e fi-lo com a única intenção de pôr em evidência a razão pela qual tanto me sensibiliza a homenagem prestada hoje à memória do meu Avô. Esta foi a intenção.

E concluiu, patenteando o seu mais profundo e comovido reconhecimento a todos quantos contribuiram para a realização, no seu dia próprio, das merecidas comemorações dêste centenário.

Uma ovação de aprêço e carinho sublinhou as últimas palavras do seu impressionante discurso. E logo depois, destaca-se a menina

Maria da Graça

bisneta do homenageado e filha daquele artista, a qual recita com suavidade, terníssima expressão e delicada intenção, uma das mais preciosas poesias do seu antepassado já distante—«A tua rocas—que prolongadas palmas merecem da assistência.

Vai ser encerrada a memorável sessão solene, de alta e significativa realização da nossa Câmara, que bem compreendeu que os valores morais são um património admirável que não pode ser arredado dos problemas de administração municipal. E o ilustre

Governador Civil

fá-lo em concisas e apreciáveis palavras.

—Ao ouvir—começa—as primeiras notícias da justíssima celebração do centenário do nascimento de Simões Dias, oportunamente projectada pela Câmara Municipal do seu concelho, de mim para mim formei imediato projecto de me associar à comemoração, relembrando a sua figura prestigiosa de pedagogo e de poeta, merecidamente vincada pelos seus melhores e mais distintos biógrafos.

E continua:

—Ao meu espontâneo projecto, acrescentou-se gentil convite do sr. presidente da Câmara Municipal de Arganil, e eu aproveitei o grato ensejo dêste possível votivo, cumprindo também demandar dever de consciência e de cortesia.

Antes de vir, adivinhava já o deleite com que poderíamos servir ao magnífico conforto-

das dos srs. drs. Martins de Carvalho e António de Sousa, sôbre raros predicados pedagógicos e poéticos de Simões Dias. Prévia a enumeração brilhante e erudita dos passos principais da sua actividade intelectual, repartidos por vários ramos de igual atracção e encanto, [illegible] o cultivo espiritual que nos seria dado gozar, graças às lições magistrais do professor ilustre e do poeta inspirado, que nos pintaram, com traços perfeitos e vivas côres, o retrato fiel dêsse trabalhador incansável, dessa personalidade notável de político, de poeta, de jornalista e de professor.

Congratulo-me pela antecipação do meu julgamento e [illegible] também, com gratidão, o ilustre autor de um livro didático de que me servi e o poeta, que contribuiu para o encantamento de algumas horas descuidosas da minha adolescência. Mas, não quero deixar de aludir ao factor importante desta celebração, que encerra em si o motivo mais querido desta homenagem sincera — o da justiça dos seus conterrâneos, justamente ufanos pela exteriorização de sentimentos mais nobres, de orgulho, de ternura e de gratidão.

Há figuras, que transpuseram os umbrais de seus lares, das suas vilas e das suas regiões, para se projectarem através do país, como autênticos valores e legítimas notabilidades do património nacional. Simões Dias, no largo âmbito da sua complexa personalidade, pertence a esse número, e a sua figura merece ser lembrada espiritualmente por todos — pelos seus conterrâneos e pelos portugueses.

Descerramento do retrato

Terminada a sessão, foi de seguida descerrado um retrato a óleo do poeta e pedagogo, cerimónia realizada pela graciosa Maria da Graça Leitão Barbosa Simões Dias, na sala que a Câmara destina a biblioteca e que nêste dia bem desejaria que fôsse inaugurada.

Antes, o sr. presidente do Município, num outro brilhante e expressivo improviso, disse das intenções culturais que animam a actual vereação e afirmou que a biblioteca municipal, em breve a instalar-se, ficaria sob a égide daquele preclaro cidadão.

No copo de água

Em honra de s. ex.ª o sr. Governador Civil, dos conferentes e dos membros da família do homenageado, ofereceu a Câmara um bem servido copo de água. Estavam presentes bastantes convidados, entre os quais algumas senhoras.

Os brindes foram iniciados pelo sr. Frederico de Freitas Simões, que saúdou o sr. Governador Civil e lhe protestou a sua lealdade e aprêço.

Pouco depois, o sr. José da Fonseca Travassos, director do Colégio de S. Pedro, em entusiásticos termos, traça o perfil moral e intelectual do sr. dr. Castro Soares, pedindo-lhe que por mais alta que seja a dignidade que venha a ocupar pelos seus merecimentos, nunca se esqueça de Arganil.

O sr. professor Almeida Costa, representante da Argus, congratula-se pelo alto significado e elevada expressão intelectual em que decorreu a homenagem a Simões Dias, e endereçou cumprimentos ao presidente da Câmara pelos seus bons desejos, e da vereação, para bem servir o concelho, terminando por exprimir aos ilustres conferentes a sua consideração pelos seus talentos.

O sr. dr. Fernando Vale, prestigiosa figura da nossa região, tem frases de aprêço para a actuação do sr. presidente da Câmara e dirigiu ao sr. dr. Castro Soares sinceras palavras de consideração pela sua nobre actividade profissional e seus elevados predicados morais e intelectuais.

O rev. Nunes Pereira, prior de Côja, em seu nome e exprimindo o sentir do clero concelhio, felicitou a Câmara, na pessoa do seu presidente, pela comemoração centenária que levou a efeito e cumprimentou também o sr. Governador Civil e os dois conferentes. Estes também agradeceram as manifestações de consideração e aprêço que lhes foram dirigidas.

Num certo, equilibrado e académico discurso, fecha a série de brindes o sr. Governador Civil. Agradece as palavras que lhe tributaram e afirma que é e sempre será, acima de tudo, médico, sejam quais forem as situações políticas que encara, frisando que na escolha que fez para a presidência desta Câmara não teve outra preocupação que não fôsse a de entregá-la em mãos de quem, pela sua inteligência e senso, pudesse realizar uma obra de pacificação, de concórdia entre todos os valores activos do concelho, e também, conseqüentemente, de melhoramentos materiais. E crê não se ter enganado.

Uma prolongada salva de palmas ecoou na sala. A festa tinha acabado.

Notas

Foram recebidos telegramas de adesão à homenagem a Simões Dias, enviados pelos srs. dr. Veiga Simões, do Estoril; dr. Urbano Dias Diniz, de Eixo (Aveiro); Sertório de Sá Simões Dias, dos Açores; Fernando Silva, de Côja; dr. Alves Pais, da Figueira da Foz; Antero Veiga, de Coimbra; Alfredo dos Santos Oliveira, da Benfeita; professor Proença, de S. Martinho da Cortiça; Junta da Freguesia de Côja; uma significativa carta do filho do homenageado sr. dr. Armando Simões, impossibilitado de comparecer devido ao seu estado de saúde; e outras dos srs. dr. Manuel José Fernandes Costa, de Côja; José Lencastre Marques Correia, do Casal de Nossa Senhora das Graças (Oliveira do Hospital); Casa da Comarca de Arganil; etc., etc.

•

O sr. dr. José Trindade Simões Dias, neto do homenageado, representava seu pai, sr. dr. Armando Simões, gerente do «Diário de Coimbra».

O sr. dr. Fernando Vale, representava a direcção da Casa da Comarca de Arganil e os srs. dr. Vasconcelos Carvalho, dr. Alves Pais e José Lencastre Marques Correia; e o sr. dr. António Luiz Gonçalves, representava os srs. dr. Manuel José Fernandes Costa, de Côja e capitão José Simões Martinho, de Coimbra.

A Casa do Povo e a filarmónica Pátria Nova, de Côja, fizeram-se representar pelo sr. Francisco A. Filipe.

Também a direcção da Assistência Folquense se fez representar por todos os seus membros.

•

Na sessão realizada nos Paços do Concelho, a guarda de honra foi feita por um piquete dos Bombeiros Argus.

•

Na sala destinada à biblioteca, encontravam-se algumas espécies bibliográficas da obra do Simões Dias.

•

Ao limite do concelho foram esperar o chefe do distrito o sr. presidente e vereadores da Câmara Municipal e diversas individualidades.

•

Nos edifícios da Câmara Municipal e da Argus, esteve içada a bandeira nacional.

Como decorreram as comemorações na terra natal do Poeta

O povo da freguesia da Benfeita, terra natal do saudoso Simões Dias, comemorou também, e brilhantemente, o centenário do nascimento do seu tão ilustre conterrâneo. As homenagens prestadas revestiram-se daquele significado e dignidade que sempre estivera no pensamento de todos quantos trabalharam para elas.

Pelas 10 horas da manhã de sábado, o sr. padre António Quaresma celebrou missa por sua alma na igreja paroquial, tendo a êsse piedoso acto assistido muito povo e as crianças da escola da sede da freguesia, com a sua professora.

No dia seguinte, mais apropriado, por ser domingo, para uma comemoração condigna, tiveram lugar as solenidades anunciadas.

No largo do Areal, junto ao edifício escolar, por êste não comportar a numerosíssima assistência que ali acorreu, teve lugar uma sessão solene, que se iniciou pelas 15 horas.

Constituiu-se a mesa sob a presidência do sr. dr. António Luiz Gonçalves, presidente da Câmara Municipal, ladeado pelo vice-presidente do município, sr. Frederico Simões, pelo pároco da freguesia, sr. padre António Quaresma, pelo presidente da Junta, sr. Alfredo Nunes dos Santos Oliveira, pela professora local, sr.ª D. Lucília Fernandes dos Santos, e pela sr.ª D. Maria José Mendes Correia, representante da família do homenageado.

Adianta-se para falar, em primeiro lugar, a professora da localidade, que começa por dizer:

—Fêz ontem um século que nesta rústica mas pitoresca Benfeita, que a ribeira da Mata atravessa e a quem o Alva, ali em baixo, no seu correr constante, lindas palavras de ideas lhe murmura, nasceu um homem que foi alguém no nosso país: o dr. José Simões Dias. Alguém pela inteligência, alguém pela nobreza de alma, alguém pelo lugar que conquistou entre a plêiade dos nossos mais ilustres poetas, alguém pelo incansável esfôrço dispendido na batalha, gloriosa e santa, do progresso do ensino em Portugal.

Aqui nasceu embora, o seu nome prestigioso foi pronunciado e admirado desde o Minho ao Guadiana e a sua memória até nós chegou. E chegou, porque Simões Dias dessa perpétuidade se tornou digno, como um valor a consagrar, como nome que jàmais se deve apagar da nossa lembrança.

Comovidamente:

—O filho mais ilustre da Benfeita abandonou-a, também o foi e também o é de tôda a Nação. E filho que dá orgulho à mãe, filho que sempre apetece beijar pelo bem que fez, pela obra notável que realizou. Filho tão digno, que nunca de sua mãe—a sua terra, nem de seus irmãos—a sua gente, se apartou nos seus cantares de poeta. Filho tão extremecido que não [illegible] os seus versos encantadores, como se [illegible] tão simples, tão [illegible]. Filho tão glorioso [illegible] o distinto e sua obra de [illegible] e a sua acção em benefício da escola portuguesa. Filho que dignifica a mãe que lhe deu vida. Filho que, sem proferir o seu nome, [illegible] a sua Benfeita no coração, e a quem [illegible]: «Eu desejo, minha terra [illegible] minha mãe, que de mim nunca te envergonhes; que de mim te possas afamar; que com [illegible] satisfação pronuncies o meu nome e me [illegible] teu filho; que verifiques eu ter sabido marcar um destino bom na vida, embora a dor me haja retalhado o coração; que tu, minha Benfeita, repitas as minhas quadras e as [illegible] como oiro teu; que proclames que os homens [illegible] mais proveito [illegible] quanto maior for o seu esfôrço em benefício dos outros [illegible] seus irmãos. Eu desejo, minha mãe Benfeita, que vejas a teu amor no meu amor, [illegible] ferra da [illegible]».

Depois:

—Sofro a Benfeita [illegible]

Refere, a seguir, algumas notas biográficas do homenageado e diz:

—Tinha, com 17 anos, o curso no Seminário, em Coimbra. Por ser [illegible] alma, resolvendo, por isso, matricular-se na Universidade, bacharelando-se em Teologia.

As tendências do seu coração impediram-no de ser sacerdote; e talvez também haja sido o seu coração e o seu casamento que o afastaram da cátedra universitária, apesar de se ter formado com distinção e os mestres da Universidade o desejarem ter como seu colega.

Seguiu o professorado liceal e exerceu o magistério nos liceus de Elvas, Viseu e Lisboa, sempre com a maior proficiência. Dedicando-se ao ensino com o maior desvêlo e ilustração, escreveu também alguns valiosos livros escolares.

Mas também foi jornalista e prosador distinto; também foi um notável orador, marcando nobremente a sua passagem pelo Parlamento, como deputado que foi em várias legislaturas e por diversos círculos.

Teve duas paixões: a do progresso do ensino e a da poesia. Foi pedagogo e poeta, e sempre ilustre.

Cedo manifestou a sua inteligência, cedo começou a fazer versos, cedo começou a sua vida profissional. Cedo também — aos 55 anos — a morte o levou, na era de 1889. Foi uma vida curta, mas de intensa, galharda, meritória e marcante actividade. E tão grande, que bem mereceu dos seus compatriotas aquela consagração que êles jàmais lhe [illegible].

Mas Arganil e Lisboa, ontem, lha prestaram e ontem e hoje nós lha prestamos também, modesta, embora, como era a sua alma, mas sentida, veemente, como veemente era o coração do alto poeta e do egrégio pedagogista que foi Simões Dias.

Finda:

—Glorifiquemo-lo nos nossos corações. Fixemo-lo bem na nossa memória. Reconheçamos nele o Poeta de suave e límpida inspiração. Admiremos nele o homem que procurou, com elevada dedicação, abrir melhores e mais largos horizontes à educação das crianças de Portugal.

Que a terra da Benfeita, ao menos, se orgulhe — agora e sempre! — de ser a terra de Simões Dias. Que as crianças das escolas tragam o seu nome no coração.

E todos nós digamos: — muitos e abençoados sejam os homens que se igualem a tão nobre, quanto ilustre cidadão de Portugal!

Uma prolongada salva de palmas coroou a brilhante oração.

Fala, depois, o sr. padre António Quaresma, pároco da freguesia, para dizer do grande poeta e ilustre filho daquela sua terra, algumas palavras de homenagem bem merecida.

E afirmou:

—Simões Dias foi um espírito privilegiado da nossa aldeia. E os espíritos privilegiados não ficam escondidos pela fria penumbra da morte, mas refulgem nos gloriosos clarões da história. Cedem, é certo, à lei severa que foi ditada à humanidade no dia mais funesto que ensombrou o berço das gerações, mas, pelos inconfundíveis prestígios da sua vida na terra, alam-se a essa esfera superior, onde reinam e triunfam. Os vulgares, os ignaros, abismam-se no túmulo onde ficam para sempre esquecidos, mas os beneméritos, que assinalaram a sua passagem na terra, como Simões Dias, por um traço de elevada utilidade social, sobressaem por entre as irradiações da glória e os aplausos da posteridade.

Alude a várias celebrações centenárias que Portugal tem realizado e acentua:

—Não podia nem devia esta região, e sobretudo esta terra, que se orgulha de lhe ter servido de berço, deixar no esquecimento a data memorável em que ocorre o primeiro centenário do nascimento do dr. José Simões Dias, esse poeta tão popular como sentimental, esse professor insigne que tanto ilustrou as cátedras de alguns dos nossos liceus. Foram êles os que, como o nosso ilustre conterrâneo, fixaram o seu nome tão distintamente nos bronzes da história, na face dos monumentos e nos corações dos povos!

Mais adiante:

—Simões Dias, alma de eleição, coração diamantino, católico de mandamentos e sacramentos, que nunca renegou a fé que bebeu com o leite materno, [illegible]

Cita, também, alguns passos da sua biografia, frizando:

—Era um homem [illegible]

comemoração do centenário do seu nascimento.

E conclui:

—A sua morte prematura veio roubar ao nosso país um dos seus homens mais ilustres e prestigiosos e à Benfeita um dos seus filhos mais queridos e estimados.

O orador pediu, a seguir, dois minutos de silêncio em homenagem à memória do saüdoso benfeitense, mantendo-se a assistência de pé, em recolhimento sentido.

Vai falar, a seguir, o sr. padre Augusto Nunes Pereira, prior de Côja, que proferiu uma notável apreciação à obra de Simões Dias, como poeta.

Antes, porém, de iniciar as suas considerações, falou da justiça e gratidão que significa a comemoração do centenário que se estava celebrando, cuja iniciativa se deve ao ilustre filho da Benfeita, sr. dr. Mário Matias, lançando a idéia no bi-semanário *A Comarca de Arganil*, que a patrocinou, e cuja execução pertence à Câmara Municipal, à qual preside também um outro distinto benfeitense, perfilhando-a e corporizando-a, a todos felicitando pelo notável civismo que demonstraram homenageando um homem verdadeiramente superior, sôbre qualquer das suas facetas que se aprecie, um dos maiores poetas portugueses de todo o tempo.

—O nome de Simões Dias — disse — ficou escrito em letras de oiro na história da nossa literatura, e, se não é sobejamente conhecida a sua obra poética, isso deve-se a razões de vária ordem, entre as quais o seu neto, o ilustre artista sr. Mário Simões Dias, ontem apontou a própria modéstia do poeta, sempre alheio a qualquer exibicionismo ou ostentação.

E vinca:

—É para essa obra poética tão singular que desejo chamar a atenção da boa gente da Benfeita, lamentando que não haja uma edição das «Peninsulares» que todo o benfeitense pudesse adquirir e ensinar a ler a seus filhos. Faço votos por que desta comemoração centenária saia a ideia de reeditar esse precioso livro.

Tem-se dito e redito que a poesia de Simões Dias tem um carácter acentuadamente popular. E assim é, na verdade. Os seus versos, sobretudo os redondilhos, são tão espontâneos, tão naturais, que parecem um fio de água cristalina a correr por entre ervinhas e flores.

Ele próprio canta, referindo-se à sua musa:

É uma serrana bela
Que um dia encontrei no monte,
De madressilva e marcela
Toucada a virgínea fronte.

Filha e irmã de trovadores,
De estirpe superior,
Se calha falar d'amores,
Ninguem os conta melhor.

Alheio a convencionalismos de escola, Simões Dias fez versos com a mesma naturalidade com que, nos milheirais, as sachadeiras costumam cantar. Por isso muitas das suas quadras entraram para o cancioneiro popular, sagradas pela massa do povo. Veja, por exemplo, esta quadra, que todos conhecem como sendo popular, mas que veio da pena do nosso poeta:

Quem tem filhos tem cadilhos
Diz o rifão, mas é por
Se alguem há que tendo filhos
Deseje vê-los morrer.

E esta:

Que imenso amor, que doçura!
O' filhos, vós não pagais,
Nem que de rastos sois sisse,
Um beijo de vossos pais!

Prossegue:

—Chamei a Simões Dias, num soneto, poeta da saudade. A documentá-lo, estas quadras do «Adeus»:

É forçoso partir, e só Deus sabe
Quanta amargura em tão cruel momento!
Nem se imagina como em peito cabe
Com tanto amor tamanho sofrimento!

Quando eu andar mais triste irei sentar-me
No cume do alto serro ao fim do dia,
Só para ver se à força de enganar-me
Posso enganar a própria fantasia!

Mas que triste consôlo! Adeus, comigo
Vai combatendo a sorte que me cabe!
As saüdades que levo não tas digo;
Penas que nalma vão, só Deus as sabe!

A saudade da terra distante, da sua querida Benfeita, pode ver-se, talvez, nos seguintes versos:

Além campeia a tôrre
Da solitária igreja
E ao pé triste cipreste
No cemitério alveja!

Mas para que esconder-me
No horror dêsse mistério
Se tu me abres a porta,
Meu velho cemitério?

Se em ti me estende os braços
[illegible]
[illegible]
Que és parte do meu ser!

Muito moço, [illegible]

Primeiramente, [illegible]

[illegible] ilustre poeta sr. dr. Antónío de Sousa, a veia heróica e a veia satírica.

E terminou aludindo ao amor que o Poeta nutria pelos pobres e ao sentimento religioso que sempre o animou.

O sr. padre Nunes Pereira, que é, como se sabe, também um verdadeiro poeta, leu, a seguir, o soneto *O «lenço» de Simões Dias*, publicado no último número do nosso jornal, e, ao concluir, é *achado* e exibido pela menina Maria Estela Quaresma Martinho, como resposta à pregunta formulada nêsse soneto, um lenço de linho, finamente bordado pela irmã daquele sacerdote — a sr.ª D. Adelaide dos Anjos Nunes Pereira — o qual simboliza o lenço cantado por Simões Dias, tendo, como êste, dois corações no meio...

Uma estrepitosa e prolongada salva de palmas acolhe esta surpreza, devéras original.

Algumas crianças da escola da localidade—entre elas Horácio Simões Nunes, António Quaresma Martinho, Alvaro Dias, Estela Martinho e Arménia Pereira dos Santos—recitam, com muita graça, várias poesias do autor das «Peninsulares».

Encerrou a sessão o sr. dr. António Luiz Gonçalves, dizendo da sua satisfação pela maneira como o povo da sua terra soube homenagear um dos maiores valores nacionais ali nascido, orgulho e honra da Benfeita e do concelho, bem-dizendo a feliz sugestão do sr. dr. Mário Matias que em boa hora lançou a ideia da comemoração.

Acrescenta:

—Primou a Natureza em dotar a Benfeita com encantos variados: deu-lhe a majestade dos seus montes, cobertos com o verde-escuro dos pinheirais e, aqui e além, com os variados matizes da urze; deu-lhe a frescura dos seus vales pujantes de vida; cingiu-a com uma ribeira de águas límpidas e fecundantes onde desde pela manhã até à noite batem a roupa as môças lindas da nossa terra. Pois foi neste cenário de encantamento que, fez ontem um século, nasceu o mimoso poeta das «Peninsulares».

A finalizar, s. ex.ª salientou que o concelho de Arganil acabava de dar a Portugal inteiro um alto exemplo de civismo e fez votos por que das comemorações resultasse para nós também um estímulo e uma lição. Estímulo para que todos, seguindo o nobre exemplo de Simões Dias, procuremos pelo trabalho, pela persistência e força de vontade, ser melhores do que aquilo que somos; lição de como é bom glorificar os nossos maiores, para que não deixemos nunca no esquecimento os que foram grandes no passado, os que são grandes no presente e os que vierem a afirmar-se no futuro.

Um luzido cortejo se organizou, a seguir, através as ruas da aldeia, vistosamente engalanadas e pendendo lindas colgaduras das janelas, em direcção à casa onde nasceu o egrégio Poeta, com passagem pela praça que tem o seu nome. Nele tomaram parte os alunos das escolas da Benfeita, Pardieiros e Monte Frio, e ainda os da Cerdeira, com tôdas as suas professoras, o rancho folclórico local, entoando versos de Simões Dias, a filarmónica Barrilense e inúmeras pessoas de tôdas as categorias sociais.

O largo é pequeno para conter a enorme mole de povo que ali se aglomera e que se estende pelas artérias adjacentes.

Fala, agora, o sr. Adelino Francisco Quaresma, novel regente agrícola e solícito correspondente d'*A Comarca de Arganil* na Benfeita.

Sente-se profundamente emocionado ao ter de falar de quem foi «estrêla de primeira grandeza na constelação da poesia nacional».

E diz:

—Eis-nos aqui, minhas senhoras e meus senhores, em frente da casa onde o saüdoso poeta dr. José Simões Dias viu, pela primeira vez, a luz do dia, tomou contacto com o mundo exterior, deu os primeiros passos da vida, sem cuidado, aquela alma ainda inerte de criança, [illegible] se não o tempo o decorrer dêle após a morte.

Dirigindo-se às crianças:

—Simões Dias, naquela data, era uma crian-

ça como vós, rapaces em flôr; nada nos seus traços o distinguia, a alma era pura e branca como a neve, tal como a vossa, mas à pouco e pouco foi impelido por uma força, à medida que crescia, até ser olhado, na época, na sua terra e fora dela, por um super-homem, letrado, um homem diferente de todos os outros, ou, para melhor falar, um Deus.

Depois:

— E eu quero vincar esta verdade, povo da nossa terra, fazendo minhas, falando vossas, fazendo de todos, palavras de Simões Dias, lançando-as da casa que o assanhecer para ser a nossa glória, para ser uma glória de Portugal — glória da Benfeita, glória de Portugal, sim, porque a nossa terra teve um homem, como êste, na vida, e Portugal os tem esporadicamente.

Continua:

— Simões Dias viu em si uma luz que se enganchava por entre as outras, luções e lágrimas, cujos reflexos, por tênues, mal entrecortavam as trevas da escuridão em que andavam embebidas, e pairava no firmamento, brilhando esplendorosamente, a ponto de absorver e cegar espaços aos seus iguais, apenas na influência, porque a distância era tão grande, tão longínqua, que os raios perdiam-se no caminho pela sua fraqueza.

Embora o candelabro já não exista, a chama que durante tanto tempo saiu radiante e iluminar almas perdidas neste complexo misterioso que é a vida, corporiza-se e será eterna, perdurará para todo o sempre e, portanto, dentro 100 anos que hoje comemoramos prolongar-se-ão através de séculos vindouros, tornando-o cada vez maior, cada vez mais brilhante.

Pregustar-me-ão o que representa essa chama. Essa chama, de que há pouco vos falei, está para ti, povo da nossa terra, simbolizada na lápida colocada perante os vossos olhos, transformada, neste momento, na alma do poeta Simões Dias, a espreitar, a observar o orgulho, o entusiasmo e a vibração que sentis no vosso coração de descendentes reconhecidos, 100 anos depois do nascimento e 40 da morte, pela maneira sublime e condigna como elevou tão alto Santa Cecília, que era, sem mais nem menos, do que o mote da nossa aldeia, no tempo.

Olhai bem para ela. Fixai-a e reparai atentos que tem vida, que cintila e que a pouco e pouco avança para vós, quási imperceptivelmente, mascando movimento, a agradecer a todos a homenagem que lhe prodigalizastes, registando-a em si para sempre, porque ela não morre e não atravessa perenes como o tempo.

E com convicção:

— Aconselho que, de hoje para o futuro, esta placa que aqui vêdes fixada pela cantoria, continue a ser para vós, benfeitenses, sem excepção de sexo, bem conhecida, bem gravada na memória e que, além disto, constitua o estímulo duma Benfeita, dum poeta maiores, intimamente ligados, porquanto a alma de um é a alma do outro. São duas almas que se sentem e tocam.

Alonga-se ainda em outras considerações, em linguagem comovida e sempre escutado com a maior atenção, e finaliza:

— Avé, Simões Dias!

Demorada ovação sublinha as palavras do orador.

Um descendente da família do homenageado—o sr. António Simões—coloca, a seguir, um ramo de flores—o ramo da saudade—na lápida que assinala a casa onde nasceu o grande benfeitense e na qual se lê:

NESTA CASA NASCEU
EM 5 DE FEVEREIRO DE 1844
O GRANDE PROFESSOR
E DISTINCTO POETA
DR. JOSÉ SIMÕES DIAS

E sôbre a mesma as moças da terra espargem flores, muitas flores.

Momento emocionante para todos quantos a êle assistiram, para todos quantos o viveram, e que fez brotar lágrimas de comoção.

O grupo folclórico local, «O Rancho do Mangerico», entoa várias canções e os nossos ouvidos reteem ainda estas, escritas por curiosos da localidade:

O' Poeta, ó poeta popular,
Teu lira é o espelho das notas da luar,
Ai, ó Benfeita que tiveste o dia
De criar no seio a tua bandita.

O' Poeta, ó poeta solemnizado,
Teu oiro estará em nossa alma gravado.
Tem até não é obra querida,
Vem ver a aldeia que te deu vida.

O' poeta, ó poeta relicário,
A quem se consagra este centenário.

Ai Simões Dias,
Quem dera a mim
Que o balsamo de teus versos,
E a flor do jasmim.

Ai que tinto que a Benfeita,
A nossa Santa Cecília,
Pousa o berço do poeta
E professor Simões Dias.

Olhem para aquela placa,
Recordai-a com alegria!
E o nomeado do Poeta
Dr. José Simões Dias.

Cantai, raparigas,
Suas lindas canções,
Ao grande Poeta
Professor Simões.

Boa gente que tem amor,
Ao grande Poeta e Professor.

Estava terminada a consagração a quem foi honra e glória da Benfeita, do concelho de Arganil, do país inteiro.

*

Em casa da sr.ª D. Maria José Mendes Correia, professora aposentada, foi em seguida servido um «Pôrto de honra», durante o qual foram proferidos brindes pelos srs. Frederico Simões, que saudou o pioneiro das comemorações, sr. dr. Mário Matias, dilecto filho daquela terra; padre Augusto Nunes Pereira, de Cója, que aludiu ao acto de reconhecimento prestado pelo concelho de Arganil, homenageando um autêntico valor nacional ali nascido; dr. António Luiz Gonçalves, que disse ter terminado com chave d'ouro, ali na sua terra, a consagração de Simões Dias; padre António Quaresma, congratulando-se por a sua freguesia ter mostrado exuberantemente que conhece bem quais são os seus deveres cívicos; dr. Vasco de Campos, de Avô, que, num improviso de fino recorte literário, disse da sua muita admiração pelo Poeta justamente homenageado, frisando que foi com o maior prazer que ali veio em romagem de saudade e poesia, à terra onde nasceu Simões Dias e onde o orador também passou a sua infância, frequentando a escola primária; e, por fim, o sr. António Lopes da Costa, nosso director, que falou em nome d'*A Comarca de Arganil* para enaltecer o significado das comemorações realizadas.

*

O povo da Benfeita expediu telegramas de saudação para os srs. ministro do Interior, Governador Civil e presidente da Câmara Municipal de Arganil e ainda para a Emissora Nacional.

EM LISBOA

A conferência do professor sr. Edmundo Curvelo, no Liceu de Passos Manuel.—Uma palestra da autoria do sr. dr. Mário Matias, na Emissora Nacional.—Homenagem na Escola Luiz de Camões

LISBOA, 5.—Simões Dias teve nesta cidade, onde o seu talento fulgurante deixou traços inapagáveis, as homenagens a que tinha direito. Não passou despercebido o 1.º centenário do seu nascimento e a sua memória foi lembrada não só nas colunas de quási todos os jornais diários que dedicaram artigos ao grande poeta e notável professor, como em cerimónias a que não faltaram brilho e saudade.

No Liceu de Passos Manuel, que corresponde ao antigo Liceu Central de Lisboa em que Simões Dias foi mestre consagrado por seus méritos, o professor sr. dr. Edmundo Curvelo falou sôbre o pedagogo e o poeta, perante um auditório de que faziam parte os alunos dos últimos anos do curso e o reitor, sr. dr. José Saraiva e todos os professores.

O conferente foi apresentado pelo sr. dr. José Guerreiro Murta, vice-reitor, que aproveitou o ensejo para saudar os arganilenses pela resolução que tomaram de não deixarem passar em claro o 1.º centenário do nascimento de Simões Dias. O Liceu de Passos Manuel, continuidade do Liceu Central de Lisboa, orgulha-se, disse, de ter tido como professor a figura notável de Simões Dias.

O conferente, sr. dr. Edmundo Curvelo, durante cêrca de uma hora, apreciou, seguidamente, a obra poética de Simões Dias, lendo alguns dos seus mais inspirados e emocionantes trechos e apontando-o como um dos maiores valores da sua geração.

Tanto o conferente como o sr. dr. José Guerreiro Murta, foram demoradamente ovacionados ao concluírem as suas considerações. A' conferência assistiu, tomando lugar ao lado do reitor do liceu, o redactor em Lisboa de *A Comarca de Arganil*, Luiz Ferreira.

A' noite, na Emissora Nacional, precisamente às 20 horas e no «Caso do Dia», foi lida uma curiosíssima palestra, da autoria do nosso ilustre amigo e também distinto benfeitense sr. dr. Mário Matias, focando a figura notável de Simões Dias.

Na Escola Luiz de Camões, que é dirigida pelo sr. padre Avelino de Figueiredo e pelo nosso prezado amigo sr. José Ricardo da Costa, realizou-se, ontem, mais uma das «Sessões culturais» em que os alunos apresentam trabalhos seus de carácter literário. Na sessão de ontem, presidida pelo professor sr. dr. Estêvão Pinto, o sr. padre Avelino de Figueiredo teve palavras repassadas de grande ternura para o inesquecível literato e notável professor sr. dr. José Simões Dias. Focou a sua acção como poeta, romancista e grande pedagogo, cujas lições e métodos de ensino ainda hoje são seguidos e admirados. Referiu-se às «Peninsulares», em que o autor revela a sua espontaneidade em versos de linda cadência e perfeito equilíbrio.

Na acta desta sessão cultural foi lançado um voto de sentimento por aquele cujas qualidades morais e intelectuais ainda hoje permanecem cercadas da aureóla de notável homem de ciência.